



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MARIA DAS GRAÇAS DE ABRANTES

**UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA VEICULADA
EM SALA DE AULA**

CAJAZEIRAS - PB

2009

MARIA DAS GRAÇAS DE ABRANTES

**UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA VEICULADA
EM SALA DE AULA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dr^a. Idelsuite de Sousa Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



A161o Abrantes, Maria das Graças de.
Um olhar sobre a história veiculada em sala de aula /
Maria das Graças de Abrantes. - Cajazeiras, 2009.
38f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2009
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. História-ensino. 2. História-concepção de alunos. 3.
Sujeito histórico. 4. História veiculada. I. Lima,
Idelzuite de Sousa. II. Universidade Federal de Campina
Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 94:37

MARIA DAS GRAÇAS DE ABRANTES

**UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA VEICULADA EM SALA DE
AULA.**

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores do Campus de Cajazeiras da Universidade Federal de Campina Grande sob a Orientação da professora Dra. Idelzuite de Sousa Lima.

CAJAZEIRAS-PB

2009

“Os homens fazem a sua história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado...”

Marx (1988, p.7)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus que é a força maior que rege toda minha existência.
A meu pai Antônio Abrantes Sarmiento que lutou junto comigo para que essa vitória fosse conquistada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por me conceder este milagre.

Aos meus pais, Lúcia e Antônio, por ter investido em mim os melhores anos de suas vidas.

A meus mestres, inesquecíveis professores, que estiveram comigo durante este curso e em especial a Idelsuíte de Sousa Lima, um exemplo de profissional a ser seguido.

Resumo

A história veiculada em sala de aula pode constituir-se em importante espaço de discussão sobre a formação do aluno com o sujeito histórico e cidadão responsável pelo destino da sua história e da sua sociedade em que vive. Este trabalho é resultado de uma pesquisa acerca da história veiculada em sala de aula. O referido estudo tem como objetivo compreender a percepção dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental sobre a história ensinada e aprendida em sala de aula, no desenvolvimento do seu processo de escolarização. Para atingir tal propósito foram utilizados, para coletar os dados, dois instrumentos, quais sejam: o questionário e a entrevista. O questionário, composto por questões objetivas e subjetivas, buscou captar informações gerais sobre a disciplina história, no que se refere ao seu ensino e aprendizagem. A entrevista, realizada através do grupo focal, buscou aprofundar o entendimento dos alunos sobre a história veiculada em sala de aula e a sua compreensão como sujeito histórico. Os resultados indicam que os alunos compreendem a história como uma disciplina que estuda fatos e personagens do passado, resumindo-a ao estudo de datas comemorativas. Conclui-se que os alunos têm uma noção restrita da ciência histórica, resultado da forma como a disciplina é veiculada em sala de aula. Os referidos alunos consideram a história como algo realizado por outros, distanciando-se da possibilidade de agirem como sujeitos históricos.

Palavras-chaves: história veiculada, percepção dos alunos, sujeito histórico.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I REFERENCIAL TEÓRICO.....	09
CAPÍTULO II PERCURSO METODOLÓGICO.....	15
CAPÍTULO III EM BUSCA DO ENTENDIMENTO DA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE A HISTÓRIA.....	17
CAPÍTULO IV A CONCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE O ESTUDO DE HISTÓRIA CAPTADA PELO GRUPO FOCAL.....	25
CAPÍTULO V ANÁLISE DO ESTÁGIO CURRICULAR: TECENDO REFLEXÕES.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
ANEXO.....	36

Introdução

A concepção dos alunos acerca da História veiculada em sala de aula constitui o objeto desta pesquisa. Compreender como a História é ensinada e aprendida pelos alunos situa-se como elemento chave desta investigação.

O interesse em realizar uma pesquisa sobre a História veiculada na sala de aula surgiu da minha empatia por esta disciplina. Sempre gostei das aulas de História e me fascinava pela beleza de suas narrações. Com o passar dos anos fui percebendo que as aulas de História eram realizadas com um caráter decorativo e com pouca oportunidade de discussão. E isso acabava minimizando a sua grande importância no conjunto dos saberes escolares.

Diante do exposto surgiu a necessidade de compreender o entendimento dos alunos sobre a História veiculada em sala de aula. A disciplina História constitui-se como espaço fundamental para que o aluno entenda o passado da sociedade. Quando trabalhada de forma reflexiva, autônoma e crítica poderá formar no aluno o espírito de cidadania.

Na Escola Estadual de Ensino Infantil e Educação Fundamental de Bandarra, as aulas desta disciplina são feitas mediante aulas expositivas. O momento reservado para debates ainda é pouco e os alunos concebem a História como disciplina decorativa. Isso foi constatado por ocasião de uma observação feita por mim na sala do 5º ano da referida escola. Os conteúdos ministrados passam por uma seleção e a professora escolhe aqueles com maior correspondência aos interesses dos alunos. O espaço para a reflexão e questionamento da História ensinada acontece, embora seja de forma limitada. A avaliação da aprendizagem é feita a partir da discussão e explanação feita pela professora e de atividades escritas com perguntas e respostas, denominada de questionários.

Esta pesquisa possui relevância social no sentido de buscar compreender a História ensinada em sala de aula e aprendida pelos alunos o que demonstra ser uma questão importante de ser analisada. No dizer de Lima (2000:85):

A preocupação deste ensino está em desenvolver um conhecimento que sirva de temporalidade, passado, presente, futuro e das relações sociais educando /educador / sociedade e modo de vida.

Para realização desta pesquisa defini como objetivos:

- 1-Compreender a concepção dos alunos acerca da História veiculada em sala de aula;
- 2-Analisar como se dar o processo que determina como a História é ensinada e aprendida em sala de aula.

A realização desta pesquisa é relevante porque além de obter esclarecimentos sobre como os alunos pensam a História em sala de aula, enaltece a importância do estudo desta disciplina como elemento formador de alunos conscientes de seu papel na História.

Como forma de apresentação este texto está estruturado da seguinte maneira: de início consta a introdução justificando a relevância deste trabalho. No capítulo I encontra-se a contribuição de vários autores que formam o referencial teórico. Este, serviu de sustentação para realização desta pesquisa, entre os autores citados estão Ferro(1983); Nadai(1997); Bittencourt(1998); Freire(1996); Alves(2005); Fávero(2005); Schmidt(1997); Cabrini(1994).

No capítulo II é apresentada a metodologia adotada para efetivação deste estudo. Em seguida, no capítulo III, a concepção dos alunos sobre a História será desvelada na análise dos dados provindos do questionário e da entrevista realizada através do grupo focal.

O capítulo IV relata a experiência do estágio curricular e as considerações finais em que é ressaltada a importância desta pesquisa para melhor compreensão do processo de ensino e aprendizagem da História. Será desvelada também a conclusão juntamente com resultado da pesquisa baseado nos dados coletados. Finalizando o trabalho aparecem as referências usadas na pesquisa e o anexo contendo o texto referente ao Projeto de Ação Docente desenvolvido no Estágio Curricular.

Referencial teórico

Este trabalho versa sobre a História veiculada em sala de aula nos anos iniciais do ensino fundamental. Tem como aporte teórico os estudos de Marc Ferro (1983) que considera de fundamental importância as formas como as crianças aprendem a História. Nas palavras de FERRO (1983:1):

Não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos e de nós mesmos, esta associada a História que nos ensinaram quando éramos criança. Ela nos marca para o resto da vida.

Se a História que a criança aprende acaba influenciando-a para o resto da vida no que se refere a sua maneira de perceber o mundo e as pessoas, isso tem relação com a História veiculada em sala de aula, local onde há Histórias sendo contadas. Através do estudo desta disciplina a criança aprende sobre o passado e isso tem conseqüências para o presente, uma vez que o presente é o resultado das ações ocorridas no passado.

A História pode ajudar o aluno a fazer a relação entre o passado e o presente por que ela explica as ações dos homens em momentos e épocas específicas. A historicidade dos fatos requer do aluno o entendimento da noção de tempo histórico. Essa é uma categoria complexa para ser apropriada pelo aluno, o que pode ser auxiliado pelo trabalho do professor. Nas palavras de Nadai (1997:75):

Cabe ao professor explicitar e indagar qual a noção de tempo tem sido (ou será) objeto do trabalho em sala de aula, à medida que se supõe a nível teórico ser a História a disciplina encarregada de situar o aluno diante das permanências e rupturas das sociedades e de sua atuação enquanto agente histórico.

Para o aluno apropriar-se das noções temporais é preciso que haja um ensino eficiente e com objetivos traçados nessa perspectiva. Cabe a cada docente estruturar seu trabalho baseado nas concepções de uma História que forme o aluno para saber lidar com a temporalidade histórica.

Os autores nos quais me apoio para elaboração desta pesquisa Bittencourt (1998), Nadai (1997), Ferro (1983), Fávero (2005), entre outros relatam que o estudo e a aprendizagem de

História é configurada por uma nova concepção de aluno. Este não é mais um sujeito passivo, é sim considerado o centro do processo ensino e aprendizagem. Isso se observa no dizer de Favero (2005: 478):

... Aquela imagem do aluno, como sujeito estritamente racional, inventada e reafirmada pela tradição pedagógica de caráter iluminista e essencialista, não se sustenta mais considerando que o nosso cotidiano esta contaminado por uma pluralidade de imaginarias sociais e pela revalorização da imaginação simbólica.

O estudo da História influencia na construção da personalidade do aluno, de forma que sua aprendizagem ajude-o a construir uma identidade própria.

Na identidade vão está presente várias interferências feitas pela História veiculada em sala de aula. A noção de ensinar também foi e esta sendo ressignificada. Para que o aluno seja visto como alguém capaz de construir seu saber histórico, o professor deve atentar para o que disse Freire (1996: 47):

...ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho a de ensinar e não a de transferir conhecimento.

O professor de História não pode ser um mero tarefeiro, reproduzidor do livro didático. Ele deve dar condições para o aluno construir seu próprio saber histórico. O aluno deve estudar a sua realidade próxima. O estudo de História deve ser feito na perspectiva de um ensino que tenha significado para o aluno, para que em seguida ele saiba utilizá-lo em seu cotidiano. Segundo Alves (2005:95):

Durante o processo de aprendizagem é necessário que o professor trabalhe as representações dos conceitos espontâneos das crianças e a sua capacidade de defini-los. O aluno aprende um conceito no momento em que sabe usá-lo em situações concretas.

A aprendizagem de História feita pelos alunos através do estudo pode proporcionar saber usar conceitos relativos a temporalidade, simultaneidade e a historicidade dos fatos. A aprendizagem não vai ocorrer da mesma forma, com todos os alunos, ainda que todos

estudem o mesmo conteúdo com a mesma professora, usando a mesma metodologia, alguns alunos vão aprender mais rápidos do que outros.

Da mesma maneira que a aprendizagem ocorre de forma heterogênea, pois cada aluno tem seu nível de desenvolvimento próprio, a concepção acerca do significado da História também é diferenciada. Para alguns alunos o estudo desta disciplina se resume a decorar datas e enaltecer feitos gloriosos. Em outros casos, o estudo da História é visto como uma construção de sentidos entre presente e passado. Essa percepção vai está ligada a maneira como os conteúdos de História são veiculados em sala de aula.

É procedente afirmar que o aluno ao estudar História, se assuma como sujeito histórico, que possui uma dimensão temporal. Essa dimensão temporal possui uma multidimensionalidade, pois se refere ao passado da humanidade e a fatos que ocorrem no momento presente. Ser sujeito histórico significa articular aspectos de simultaneidade, o aluno lida com fatos do passado e fatos que ocorrem cotidianamente e que entram pra história da humanidade.

Elza Nadai (1997) propõe que os alunos e professores, ambos se compreendam como sujeitos da história. Isso não se limita apenas ao contexto escolar, mas se estende ao trabalho e a vida diária de cada um. Sobre isso Fávero (2005:477) destaca:

Considerando as novas condições históricas de ser sujeito na contemporaneidade e as contribuições teóricas mais recentes das varias linhas de pesquisa da historiografia e dos estudos culturais, proponho que o aluno seja considerado um sujeito histórico, cuja identidade não é dada, mas é fundamental e refundada pela história.

Para provocar no aluno o sentimento de se ver como sujeito histórico, a disciplina de História deve ser de interesse do aluno. O estudo da referida matéria deve partir da realidade mais próxima do educando. A partir do instante em que o aluno é considerado pelo professor como um ser participe da história na qual atua o ensino passará a ter uma nova configuração.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam como referencial curricular para História um ensino como um processo de ressignificação de métodos e conteúdos. Os PCN's (Brasil, 2001:30) denunciam que:

Muitas vezes no ensino fundamental, em particular na escola primária, a História tem permanecido distante dos interesses do aluno, presa às

formulas prontas do discurso dos livros didáticos ou relegada a práticas esporádicas pelo calendário cívico.

Aquí o documento (PCN) afirma que uma possível causa para o desinteresse manifestado pelos alunos em relação à História é a metodologia usada pelo professor. Essa se prende ao livro didático como bússola única e indiscutível no processo ensino-aprendizagem. E em outros casos a História ensinada na sala de aula segue um processo linear que obedece ao calendário das festas cívicas.

Além de ser sujeito da História, o aluno pode desenvolver com o estudo em sala, sua identidade própria. Ele poderá se ver inserido numa história que tem a contribuição da sociedade do passado como do seu grupo de convívio. O aluno estuda presente e passado fazendo constantemente uma articulação entre o geral e o particular. Ele perceberá as continuidades e rupturas de uma história que também é sua.

A partir do estudo do passado e de outros povos o aluno fica fascinado com as descobertas que construirá em si uma nova identidade. Para isso, ele deverá conhecer a história mais próxima (história local) até vislumbrar a história dos lugares mais longes. Consta nos PCN's (Brasil, 2001:33) que:

O conhecimento do 'outro' possibilita, especialmente, aumentar o conhecimento do estudante sobre si mesmo, à medida que conhece outras formas de viver, as diferentes histórias vividas pelas diversas culturas de tempos e espaços diferentes.

Em sala de aula podemos observar como os alunos gostam de estudar a história de outros povos e suas respectivas culturas e hábitos. Nesse processo de estudar outras formas de viver, o conhecimento do aluno aumenta em relação a sua própria história e a história do seu povo, pois ele faz comparações entre uma e outra história.

O aluno precisa obter, com o estudo da História, o hábito de observar a realidade a sua volta. Deve estabelecer relações, comparar e ser capaz de fazer inferências. Estudar história não significa ser passivo ou obediente ao que diz os livros didáticos de História. O aluno deve questionar duvidar e inquietar-se com o conteúdo da história que está sendo veiculado em sala de aula.

É importante que o professor esteja aberto ao diálogo e pronto para aguçar a curiosidade dos alunos. Ensinar História não é somente repetir o que os autores disseram ou o que diz as narrações dos livros. Alunos e professores devem construir a história num processo de devir. Nada pode ser visto como estático, pronto e acabado, como diz Walter Benjamin (1990): "a história é uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado".

Durante o processo de aquisição do saber, o aluno deve ser um agente construtor da sua aprendizagem. Ele precisa adquirir o hábito de indagar, questionar e tirar dúvidas com o professor. Na sala de aula o clima deve ser de reciprocidade entre aluno e professor. Este deve ser um mediador de conhecimentos e não ser autoritário ou pensar que sabe tudo e que manda em todos. Como diz Cabrini (1994:20):

A relação de poder em sala de aula faz parte de toda uma hierarquia de fontes de competência: a primeira delas é o professor, que sabe mais do que o aluno, pois detem o saber dos especialistas e do livro didático. Ele é um elo dessa cadeia, pois exerce esta dominação, mas também a sofre, por sua situação de dependência em relação ao 'saber produzido pela academia'.

Na sala de aula, lócus de ensino e aprendizagem, muitas vezes o aluno é relegado a condição de dominado, agente passivo e subserviente ao professor. O estudo é encarado como uma absorção mecânica do saber. O professor é o único que sabe ou domina o conhecimento e o livro didático é o meio mais eficaz para auxiliá-lo nesta tarefa. O que se propõem é um ensino e um estudo baseado no diálogo e na interação entre professores e alunos.

Sabe-se que na escola, e, especificamente na sala de aula, o aluno possui uma oportunidade impar de aprender História. Isso acontece porque existe neste ambiente uma intencionalidade para que o aluno aprenda alguns assuntos da disciplina História. Podemos aprender sobre História com livros ou filmes, mas nada se compara ao estudo feito em sala mediado pela intervenção do professor. Isto faz desse momento uma excelente oportunidade de aprender os conteúdos de história. Segundo Miceli (1997:33):

Além disso, convém lembrar que fora dos bancos escolares, e além do livro didático, são pouquíssimas as pessoas que podem aprender história, mesmo aquilo que ao longo da existência, vai sendo acrescentado a este minúsculo conhecimento pelos veículos de comunicação de massa (TV, jornais e rádios) ou pelos fascículos coloridos que enfeitam estantes ou 'ajudam' a

criança nos trabalhos escolares (as arreadoras 'pesquisas') é um auxílio duvidoso e até dispensável.

O estudo de história feito em sala de aula pelos alunos e mediatizados pelo professor é um momento oportuno para que eles aprendam sobre a história do país, das pessoas, dos povos. E além do mais, é um aprendizado para que se compreenda o presente a partir dos acontecimentos do passado. A disciplina História é um componente curricular que auxilia fortemente na formação do aluno, enquanto ser humano consciente de si e do mundo.

O estudo de História feito na sala de aula deve se pautar na compreensão dos alunos a respeito do conteúdo estudado. Além de ler e escrever o educando precisa ser incitado a escrever sobre aquilo que está sendo veiculado pelo professor como matéria de estudo. Em cada aula, em cada assunto, o aluno precisa discorrer, com suas próprias palavras a respeito daquilo que aprendeu e não vai esquecer. Nas palavras de Seffner (1999:517):

Ao pedir que o aluno escreva um texto de análise histórica, estaremos sempre buscando extrair dele uma posição frente à discussão. Portanto, estamos trabalhando no sentido de que cada aluno desenvolva uma capacidade argumentativa própria, utilizando conceitos claros, num ambiente democrático de troca de idéias e convívio de opiniões diferenciadas. Isso colabora para a formação da identidade política de cada aluno.

Não basta expor o conteúdo é preciso verificar se o aluno realmente entendeu e aprendeu. Uma forma eficaz é fazendo-o falar oralmente ou escrever sobre isso de maneira coerente. Dessa maneira o estudo da disciplina História se tornará mais atraente e mais qualitativa. Além disso, a leitura e a escrita são ótimos auxiliares em qualquer área de ensino.

Outro fator citado por Seffner (1999) como aprendizado de História é a formação da identidade política do aluno. Através deste ensino-aprendizagem dos fatos e acontecimentos do passado o aluno pode se posicionar em relação a eles. Seu posicionamento a favor ou contra vai ser influenciado sobre como se está sendo estudado esses conteúdos de História.

Percurso metodológico

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa de natureza qualitativa no sentido de aprender a concepção dos alunos a respeito da História veiculada em sala de aula. A justificativa pelo método qualitativo se deu porque segundo Richardson (1985, p:38):

A abordagem qualitativa de um problema além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. Tanto assim é que existe problemas que podem ser investigados através de uma metodologia qualitativa.

Foi usado como instrumento de coleta de dados o questionário e a entrevista realizada por meio do grupo focal. Os sujeitos desta pesquisa foram os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental da escola E.E.E.I.F. de Bandarra, localizada no município de São João do Rio do Peixe.

O questionário compunha-se de 10 perguntas objetivas e subjetivas sobre o estudo de História em sala de aula. As perguntas subjetivas possuíam 5 alternativas (a,b,c,d,e) para serem assinaladas pelos alunos. De acordo com Richardson (1985, p:146):

Frequentemente, os pesquisadores elaboram questionários com ambos os tipos de perguntas. As perguntas fechadas, destinadas a obter informação sócio demográfica do entrevistado e as respostas de identificação de opiniões e as perguntas abertas, destinadas a aprofundar as opiniões do entrevistado.

A entrevista foi feita tematizando sobre o estudo da História e suas concepções a respeito disso. Para esclarecer ainda mais a visão dos alunos sobre a História veiculada em sala de aula utilizei a técnica do grupo focal. Como afirma Matos (2002:36):

Grupo focal é uma técnica de entrevista em grupo que busca coletar informações dos sentimentos e opiniões dos investigados, sobre uma determinada questão. Alcança maior número de pessoas num menor tempo, e aprofunda o tema em função das diversas opiniões. Pode ser também utilizado para promover a interação entre os membros de um grupo.

Reuni a turma do 5º ano, composta por 15 alunos, de faixa etária entre 11 a 13 anos e realizei uma conversa informal sobre a disciplina História e sua veiculação em sala de aula. Alguns dos tópicos discutidos foram:

- Quem faz História
- Qual a concepção deles sobre a História
- O que gostavam de estudar em História
- Personagens da História

Os dados coletados no questionário e no grupo focal foram analisados através do método de análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin (1979). Procurou-se também estabelecer relações entre as informações coletadas e os referenciais teóricos da pesquisa.

A escolha por trabalhar com dois instrumentos (questionário e entrevista por meio do grupo focal) permitiu maior clareza das respostas dadas, além de ter estabelecido o contato direto com o público entrevistado.

Em busca do entendimento da concepção dos alunos sobre a História

Nesta parte do trabalho será feita uma tentativa de analisar as concepções dos alunos acerca da História veiculada em sala de aula, a partir das respostas dadas ao questionário.

Para saber a concepção dos alunos busquei captar o entendimento deles sobre o que pensava ser História. Para 20% dos alunos História é uma disciplina obrigatória do currículo escolar. Na visão desses alunos, a disciplina em questão é parte do rol de disciplinas a serem estudadas na escola, sendo considerada como uma matéria obrigatória do currículo escolar.

Para 20% dos alunos a História é uma matéria “chata” e decorativa. Esse total representa a opinião dos que encaram a disciplina com antipatia. Para eles, o estudo da História resume-se a decorar datas e fatos, tornando-se assim, desmotivante e chata.

Ninguém optou por responder que a História é uma disciplina menos importante do que as outras. Pelo menos é confortável saber que eles consideram a História tão importante quanto às outras. Isso pode ser comprovado pelo total de 33% dos alunos que responderam considerar a disciplina História necessária como as demais que são estudadas por eles, na escola.

Para 26,7% dos alunos que responderam ao questionário a História é mais uma disciplina a estudar. Eles possuem um entendimento de que essa área de ensino é mais uma a compor o currículo escolar.

Com tantas respostas oferecidas pelos alunos para conceituar a disciplina História, presume-se que o entendimento dos alunos acerca da referida disciplina deve-se, em parte, ao processo vivenciado pelos alunos, em sala de aula no que se refere a aprendizagem da História. Como disse Zamboni (1998:95):

Durante o processo de aprendizagem é necessário que o professor trabalhe as representações dos conceitos espontâneos dos alunos e a sua capacidade de definição. O aluno aprende um conceito no momento em que sabe usá-lo com situações concretas e paulatinamente, vá interiorizando-o a ponto de aplicá-lo em outras situações.

Leva-se em conta, por conseguinte, a necessidade de se trabalhar em sala de aula com os alunos o sentido da História, como forma de possibilitar aos alunos uma compreensão mais significativa sobre esse componente curricular.

Com relação a dinâmica na sala de aula e da forma como a disciplina é vista no momento da avaliação, foi perguntado para os alunos como eles se preparam para fazer a prova da disciplina História. 6,7% afirmaram que fazem a prova pela explicação dada pelo professor em sala. Supõe-se que eles assistem a aula ministrada pela professora e a partir dessa explicação respondem as questões da prova.

66,7% dos questionados responderam que se preparam para fazer a prova de História estudando e decorando o questionário (exercício) que o professor prepara para eles. De acordo com a resposta dos alunos a prática dos questionários é fortemente presente na sala de aula. Com essa resposta os alunos indicam que essa opção metodológica utilizada em sala de aula oferece pouca oportunidade de espaço para pensar e fazer inferências acerca dos assuntos estudados.

Seria importante oportunizar aos alunos situações de análise e interpretação dos conteúdos estudados limitando a utilização dos recursos do questionário. Nas palavras de Schmidt (1998:65):

Os educando podem adquirir a capacidade de realizar análises, inferências e interpretações acerca da sociedade atual, além de olhar para si e ao redor com olhos históricos, resgatando, sobretudo, o conjunto de lutas, anseios, frustrações, sonhos e a vida cotidiana de cada um no presente e no passado.

O papel do aluno ao estudar a disciplina História é bem mais do que “decorar” listas imensas de questionários. Por esse motivo alguns alunos percebem a disciplina em questão como matéria decorativa, pela falta de prática em refletir, questionar, deduzir e analisar os fatos.

Para 6,7% dos alunos a preparação para a prova de História é feita através da leitura do conteúdo do livro didático de História. Outros 13,3% dos alunos disseram que preparam o seu próprio questionário e em seguida o decoram. Esses alunos provavelmente estão acostumados a estudar através de questionários. Mesmo quando a professora não passa o

questionário, eles próprios elaboram o seu material, dada a constância da prática com este tipo de atividade.

6,7% dos investigados revelam que não se preparam para fazer a prova de História. Esse percentual demonstra que os referidos alunos não têm a preocupação em estudar para a prova. Nesse caso, ou a prova é uma coisa secundária ou eles consideram suficiente o estudo em sala de aula e sentem-se preparados para enfrentar a prova.

Na questão sobre de onde são retirados os conteúdos de História estudados por eles em sala de aula, 100% afirmaram que esses conteúdos são retirados do livro didático. Os alunos são unânimes em afirmar que o livro didático de História é o único recurso de onde são retirados os conteúdos a serem estudados. Bittencourt (1998:72) afirma que:

O livro didático é um instrumento pedagógico inscrito em uma longa tradição, inseparável tanto na sua elaboração como na sua utilização das estruturas dos métodos e das condições de ensino de seu tempo. O livro didático elabora as estruturas e condições do ensino para o professor, sendo inclusive comum existirem os livros do professor. O livro didático produz uma série de técnicas de aprendizagem: exercícios, questionários, sugestões de trabalho, enfim as tarefas que os alunos devem desempenhar para a apreensão ou, na maior parte das vezes, para a retenção dos conteúdos.

As escolas ainda oferecem pouca diversidade de materiais para o trabalho com a disciplina História. O professor possui no livro didático um suporte para desvendar aos alunos os mistérios da História. Os conteúdos são ministrados a partir da perspectiva adotada pelo livro. Os alunos, por conseguinte, se apropriam daquilo que o livro traz como recorte de conteúdos sem uma concepção mais apurada da História. Isso se dá porque as fontes e recursos didáticos dificultam o acesso dos alunos a isso. As respostas dos alunos indicam que o conteúdo é estudado de maneira reduzida ao que diz o livro didático de História.

Na pergunta como eles analisam a História do livro didático de História que eles possuem, 60% dos alunos consideram que o livro é suficiente para dar conta do estudo de História feito em sala de aula.

Para 13,3% dos alunos a História do seu livro didático é educativa. Isso porque eles associam educação e boas maneiras ao conteúdo do livro didático de História. Educativo no sentido de ter a função de oferecer regras de convivência, aprendizagem e educação.

20% dos questionados consideram que os textos do livro didático de História que eles possuem não é livro bom nem ruim. Essa resposta reflete algo positivo, demonstram que eles não acham excelente e nem péssimo assim a História do livro didático que eles usam na escola. Porém, pode significar a apatia deles em relação à questão.

Para 6,7% dos questionados a História do seu livro didático de História é boa para ler. Essa resposta representa os argumentos dos alunos acerca dos textos. Na visão dos mesmos a leitura de tais textos é prazerosa. No dizer de Bittencourt (1998:73):

O livro didático é portador de textos que auxiliam, ou podem auxiliar, o domínio da leitura escrita em todos os níveis de escolarização, serve para ampliar informações, veiculando e divulgando, com uma linguagem mais acessível, o saber científico. Possibilita, igualmente, a articulação em suas páginas de outras linguagens além da escrita, que podem fornecer ao estudante uma maior autonomia frente ao conhecimento.

É inegável que o livro didático serve como instrumento para a aprendizagem. E, quando bem utilizado, pode vislumbrar a aprendizagem efetiva dos alunos. Há alguns alunos que gostam do livro, apreciam seu conteúdo e o fazem de guia para o saber.

Os alunos foram convidados a responder sobre a utilização de questionários em sala de aula. 53% dos questionados afirmaram que gostam da utilização do questionário. Eles admitem que a utilização do questionário torna o estudo mais efetivo. Eles consideram mais fácil decorar as questões do que pensar e questionar o conteúdo. Muito provavelmente pela prática dessa atividade em sala.

Para 40% dos alunos em questão, o fato de estudar a prova de História por meio do questionário dar-se porque são obrigados pelo professor. Faz parte da metodologia de ensino o processo de decorar questionários para realização das provas. As respostas já estão prontas e cabe ao aluno apenas memoriza-las. O aluno recebe um conteúdo cristalizado que não requer questionamentos e sim o consumo do mesmo. De acordo com Cabrini (1994:21):

Geralmente, o que é apresentado aos alunos são conteúdos já cristalizados do ensino de História e que parecem muito distante da realidade imediata por eles vivida. Em outras palavras, os alunos reclamam uma História que, para eles, tenha a ver com o seu presente, com a realidade que conhece um pouco mais de perto. Não parece necessitar que eles a repensem: é aceita-la e consumi-la, quem sabe pra que?

O ensino de História através do questionário caracteriza-se como prática tradicional e pouco criativa. Essa metodologia não contribui para formar alunos críticos e reflexivos.

6,7% dos alunos afirmam que estudam a prova por meio de questionários porque sempre foi assim. Isso indica que o questionário é uma constante na rotina de sala de aula, para que os alunos se apropriem do conhecimento e estudem os conteúdos de História.

Na questão sobre a importância de estudar História, 53% dos sujeitos da pesquisa responderam que é importante estudar História porque se aprende mais. Os alunos aprendem que os conhecimentos da disciplina História contribuem para aumentar seus saberes. Eles vêem como positivo o estudo da História para sua formação pessoal. De acordo com Bittencourt (1998:130):

Consideremos que a escola e, em particular o ensino de História, tem um papel fundamental nesse processo. É ela, em última instância, o lócus privilegiado para o exercício e formação da cidadania, que se traduz, também, no conhecimento e na valorização dos elementos que compõem o nosso patrimônio cultural.

Alguns alunos entendem que a disciplina História constitui uma oportunidade de se formar como alguém melhor. Nesse sentido a referida área de ensino se torna elemento construtor de cidadania e os alunos percebem nela uma possibilidade de crescimento.

Para 33,3% dos questionados é importante estudar História porque precisam conhecer o passado do Brasil. Para os alunos o estudo da disciplina História comporta apenas o estudo do passado. Eles se reportam ao passado do Brasil muito provavelmente pelos conhecimentos que dispõem. De acordo com Cabrini (1994:33):

Uma vez que a História estuda as transformações sociais, seu objeto de estudo é sempre uma determinada sociedade, em determinado momento, sempre pensada como um todo, embora nem sempre analisada 'in totum'. Essa é sempre pensada em suas transformações permanentes ou seja, em processo.

Ainda que a disciplina História abranja os acontecimentos ocorridos em vários tempos e em muitos lugares, e se ocupa com o presente e o futuro de toda sociedade, porém o que se percebe é que os alunos não demonstram esse conhecimento.

E 13,3% dos alunos responderam que não sabem a importância de se estudar História. Essa incapacidade de definir a importância desta disciplina revela que o aluno não percebe o “porque” de se estudar a História.

Na pergunta sobre se o conteúdo dos livros de História são verdadeiros ou sujeito a críticas, 80% dos questionados concordam com o livro de História. Eles consideram verdade tudo o que é veiculado pelo livro didático. Entender como é a relação do aluno com o seu livro didático de História é muito importante. Da mesma forma que é pertinente revelar como se dá a relação do próprio professor com esse recurso. Segundo afirma Bittencourt (1998:71):

O livro didático tem sido objeto de avaliações contraditórias nos últimos tempos. Existem professores que abominam o livro escolar culpando-o pelo estado precário da educação escolar. Outros docentes calam-se ou se posicionam de forma positiva pelo auxílio que os livros prestam ao seu dia-a-dia complicado.

Essa afirmação acerca do livro didático reforça a ideia do que ele continua a ser o principal elemento presente nas salas de aula. Não se deve divinizar ou diabolizar o livro didático. O que se vislumbra é estabelecer entre ele e o aluno uma relação de reflexão sobre o que está sendo posto como conteúdo de estudo. O aluno não deve ser um mero espectador passivo de uma História contida nos livros didáticos de História.

Entretanto 20% dos alunos questionados responderam que não consideram como verdade os conteúdos de História. Eles dizem que questionam determinados fatos e acontecimentos, perguntando: será que isso aconteceu mesmo?

Mas, segundo os próprios alunos, eles os fazem somente às vezes. Pode-se inferir que esses alunos não são de todo passivos; porque vez ou outra, eles refletem e questionam o que está sendo instituído pelo livro de História. Afinal de contas, é preciso dizer também que o livro não diz somente inverdades, pois nas palavras de Pinsky (1997:107):

Se considerarmos o livro didático em sua relação dialética com a sociedade e se concebermos a sociedade em conflito, plena de contradições, mesmo admitindo e até reforçando a tese da manutenção do ‘ethos capitalista’ que seu conteúdo muitas vezes tem por objetivo, perguntarmos até que ponto podemos afirmar que o livro didático contém apenas ‘mentiras’, que correspondem diretamente a reprodução das relações de produção.

O que se revelou com estas respostas é que o livro didático de História está sendo um suporte pedagógico muito presente na sala de aula. Os alunos o utilizam como fontes de estudos para aprender os conteúdos da disciplina História. Alguns alunos concordam com a História contada pelos livros didáticos. Entretanto outros alunos chegam a questionar a validade desses conteúdos.

Na pergunta o que eles mais gostam de estudar na disciplina História, 53,3% responderam que gostam de estudar tudo da disciplina História. Eles se revelam adeptos da disciplina em questão e gostam dela por completo. Entretanto isso deixa parecer poucos critérios para dizer do que gostam e do que não gostam. Esta resposta é muito aberta, funcionando como uma saída para não eleger algo como favorito.

Para 40% dos alunos, que responderam ao questionário, o que eles mais gostam de estudar na disciplina História é a independência do Brasil. Eles relacionam a disciplina em questão a datas comemorativas e alusivas ao país.

Ao que parecem os alunos estudam a História na perspectiva de fatos cívicos. Por isso é comum citarem como preferência de estudo na disciplina História, a independência do Brasil ou outra data marcante para o calendário.

Para 6,7% dos participantes da pesquisa, não gostam de estudar nada da disciplina de História. Essa repulsa pelos conteúdos é resultado dos alunos perceberem a História como pouco relevante para suas vidas.

Do ponto de vista metodológico, na indagação como é feito o estudo de História feito na sala de aula, 100% dos questionados responderam que o estudo de História é feito através da cópia ou transcrição do conteúdo do livro para o caderno e da explicação dada pela professora. Isso indica que a metodologia usada pelo professor é a aula expositiva e se faz pela cópia de textos pelos alunos. Os alunos não participam delas em questionamentos e debates. Fica assim evidente que o debate e o questionamento não fazem parte das aulas.

De acordo com Schmidt (1998:57):

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessário; o saber fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemáticos.

O estudo de História, para ser de fato, efetivo e transformador, deve ser permeado pela reflexão, debates e questionamentos. O professor deve mediar situações nas quais o aluno se mostre curioso, aberto as descobertas e envolvendo-se em debates em sala de aula.

A concepção dos alunos sobre o estudo de História captada pelo grupo focal

O que dizem os alunos sobre a História veiculada em sala de aula foi captado através da técnica do grupo focal. Alguns alunos discutiram e socializaram suas opiniões, formando uma reflexão acerca da História. De início eles ficaram um pouco tímidos mas ao longo da conversação eles conseguiram superar a timidez. A escolha pelo grupo focal se deu pelo que disse Baver e Gaskell (2002: 75):

O objetivo do grupo focal é estimular os participantes a falar e a reagir aquilo que outras pessoas no grupo dizem. É uma interação social mais autêntica do que a entrevista em profundidade, um exemplo da unidade social mínima em operação, e como tal, os sentidos ou representações que emergem são mais influenciados pela natureza social da interação do grupo em vez de se fundamentar na perspectiva individual, como no caso da entrevista em profundidade.

O que se objetivou com a utilização do grupo focal foi fazer com que os alunos expusessem opiniões a respeito da veiculação da História em sala de aula. A apreciação dos alunos de certa forma relevou o sentido de como eles se apropriam dos conteúdos de História. Isso representou um momento ímpar e muito rico no tocante a desvelar como se dá o estudo da História por esses alunos em sala de aula. Essa representação não foi totalmente aprendida no questionário e suscitou o interesse pelo grupo focal.

Na discussão sobre o que trata a disciplina História, ou seja, qual o objeto de estudo dessa disciplina, percebeu-se que alguns alunos definem o objeto de estudo dessa área de ensino como o passado da humanidade. Na visão desta parte dos alunos, esta disciplina limita-se a isso. Os alunos não deram a entender que a História abrange presente, passado e futuro. Nas palavras de Cabrini (1994: 33):

A História estuda as ações dos homens, procurando explicar as relações entre seus diferentes grupos. Essas relações estão em permanente movimento, são essencialmente dinâmicas e contraditórias. Produzir História é procurar captar, recuperar essas relações que se estabelecem sobre os grupos humanos no desenvolvimento de suas atividades, nos mais diferentes tempos e espaços.

A afirmação da autora revela que o objeto de estudo da História não se restringe somente no passado e seria muito limitado querer dizer que a História é uma disciplina que investiga apenas o passado. Ela pretende desvelar o social em suas várias dimensões de tempo e também de espaço, sempre em movimentos contínuo de estudos.

Dando continuidade ao debate outro grupo de alunos disse que a função da História é estudar os feriados do calendário, ou seja, as datas comemorativas. Nessa perspectiva a representação que os alunos tem de feriados são as datas comemorativas. A idéia do que o estudo da História se restringe a fatos que estão no calendário como sendo marcantes simplifica os conteúdos e os reduz a meras identificações de fatos e datas comemorativas; nas quais há a valorização dos vultos ou personagens históricos.

Para o referido grupo de alunos a representação social da História é que a mesma possui a atenção de estudar fatos, datas e festas cívicas. Isso reflete uma construção histórica ou talvez seja fruto da maneira como eles estudam a disciplina no cotidiano da sala de aula. Bittencourt (1997:44) afirma que:

As atividades programadas para a escola oficial compunha-se de comemorações relacionadas as “datas nacionais”, de rituais para hasteamento da bandeira nacional e hinos pátrios, além de uma série de outras atividades que foram englobadas sob o título de “cívicas”, compondo com as demais disciplinas o cotidiano escolar.

Percebe-se a partir da afirmação da autora que há uma relação implícita da disciplina História com datas comemorativas alusivas a festas cívicas. Através da análise da fala destes alunos fica submetido que o estudo feito por eles na citada disciplina possui ligação entre ela, os fatos e datas comemoradas pelo calendário.

Alguns participantes do grupo focal conferem a responsabilidade da História em estudar coisas educativas. Os alunos não definem claramente o que seriam essas “coisas educativas”. Com isso eles possuem a concepção do que o estudo da História possibilita a eles aprender sempre mais e se tornarem pessoas educadas.

A visão deles sobre coisas educativas como objeto da História se dá porque faz, parte do pressuposto de que a escola é um lugar de aprendizagem e a História é um componente

curricular que permite tal saber para os alunos. Sendo assim eles fazem uma associação lógica entre o estudo, a aprendizagem e a disciplina de História.

Durante o debate surgiu a curiosidade sobre quem faz História. As opiniões foram divididas e parte do grupo considerou que quem faz História são os homens que já morreram. Eles se reportam a heróis do passado. A afirmação dos alunos reflete a forma como a História é veiculada em sala de aula. Nessa concepção de História o herói é consagrado e elevado ao mito. Como bem afirma Nadai (1997:74):

Os heróis nacionais são apresentados de maneira geral, isolados do contexto histórico em que viveram, dos movimentos de que participaram. A imprecisão do momento em que ocorre a ação dos personagens é um dado significativo para a reflexão desse caráter atemporal com que são revestidos.

Para esses alunos a imagem de herói que eles estão inculcadas na cabeça, é de alguém que já morreu, que ficou no passado distante. É como se as pessoas do presente não fossem capazes de marcar seu nome na História.

Outra parte dos alunos disse que quem faz História é gente que tem coragem. Para esses alunos a premissa para fazer História é a coragem, o destemor para lutar, brigar e enfrentar desafios. É como se fazer História fosse algo inacessível à pessoas comuns, e sim, somente aos heróis. De acordo com Miceli (1997:70):

Exemplo disso é a aparente valorização do indivíduo no livro didático, onde se conta a história apenas a partir da ação de grandes e destacados personagens. Nem todo mundo se sente à altura de imitar esses heróis, pondo-se timidamente à margem de qualquer processo de decisão, ou recolhendo-se à mais absoluta e apática veneração.

Os alunos percebem a História como disciplina que divulga os feitos, ações e realizações dos grandes heróis e esses estão distantes da sua realidade. Eles não se sentem sujeitos construtores da História, isso é algo alheio e distante de sua realidade.

Uma outra parte dos alunos respondeu que quem faz História são pessoas que viveram há vários anos. A idéia de que a História tenha relação com o passado está fortemente inculcada na mente dos alunos. Suas apreciações sempre vinculam História e passado.

A discussão tomou outro tema e debateu-se sobre quem são os personagens da História. Uma parte da turma respondeu que são aquelas pessoas que luta para salvar o povo. Dessa maneira, a concepção de personagem da História está ligada a heróis que marcaram seu nome em meio a lutas enfrentadas. Para esse grupo de alunos aquele que luta por um ideal em prol do povo, pode ser considerado personagem da História.

Outros alunos, entretanto, responderam que os personagens da História são aqueles que foram mortos por pessoas más. Nessa perspectiva os personagens da História são vistos como pessoas que lutam em prol de coisas boas e em nome do bem.

Durante o debate houve um aluno que respondeu que o personagem da História é Deus. Verifica-se a partir daí uma interferência da religião. Em outra aceção pode-se inferir que este aluno possui poucos critérios para elaborar um pensamento sobre quem seriam os personagens da História.

Os alunos, em sua grande maioria, responderam que nos tempos atuais é muito difícil alguém fazer História. Segundo eles os motivos que comprovam essa assertiva é que o livro didático de História não registra pessoas do presente como sendo personagens da História. Os alunos não se identificam como capazes de fazer história pelo fato dos conteúdos do seu livro de História não conter registro de pessoas comuns e atuais como personagens ou heróis da História.

O restante dos alunos que compunha o grupo focal respondeu que não tinha elementos para responder quem fazia História. Eles não souberam estabelecer um comentário sobre a possibilidade de fazer História nos tempos atuais. O que demonstra a falta de percepção deles como construtores da História. Eles não se reconhecem capazes de fazer História.

O entendimento sobre a capacidade ou não de fazer História, deve-se à maneira de como a disciplina é veiculada em sala de aula. A maneira como as aulas são ministradas também contribuem e interferem na percepção que os alunos tem sobre serem construtores da História. De acordo com Schimidt (1998:57):

Ensinar passa a ser, então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História. O aluno deve entender que o

conhecimento histórico não é adquirido como um dom nem mesmo como uma mercadoria que se compra bem ou mal.

O estudo e a aprendizagem da História precisa vincular-se a noção de que o aluno é construtor da História. A construção dessa História passa a ser todas as ações humanas que perpassam a sociedade.

Análise do estágio curricular: tecendo reflexões

O propósito do presente texto é fazer uma reflexão sobre os momentos vividos por mim durante a realização do Estágio Curricular do Curso de Pedagogia.

Durante o mês de setembro estive na sala do 5º ano do Ensino Fundamental da E.E.E.I.F de Bandarra, localizada no Distrito de Bandarra, município de São João do Rio do Peixe – PB. A sala de aula possuía 16 alunos.

Ao chegar na sala de aula, campo de Estágio, confesso que cheguei a sentir um certo receio mediante a indisciplina dos alunos. Fui muito bem recebida pela professora que se colocou ao meu inteiro dispor para me ajudar no que fosse preciso.

Os alunos demonstraram gostar da minha atuação, nosso relacionamento foi ótimo. No que se refere ao desenvolvimento das atividades me esforcei para tornar as aulas significativas para os alunos. Isso não foi fácil, como dizia minha professora orientadora “era hora da teoria explodir, surgir (...)”. É muito complicado preparar as aulas e ministrar os conteúdos de uma forma que chame a atenção dos alunos do início ao fim da aula. Ensinar exige muita reflexão sobre a prática, como afirma Freire (1996:38):

É fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nas guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador.

Concordo com o que revela nosso grande mestre Paulo Freire quando ele reforça a idéia de parceria entre o formando e o orientador. A contribuição da minha professora orientadora foi ímpar no momento de vencer os problemas do estágio curricular.

Os alunos participavam ativamente das aulas, embora existissem momentos de distração. Até porque eles estão numa faixa etária que tem como característica a agitação e a ansiedade. Eles são imediatistas, querem respostas prontas e não querem “pensar o fazer”.

Considerando ser a História veiculada em sala de aula o eixo condutor do meu trabalho no Estágio, passei a desenvolver as atividades de sala de aula atentando para a História e sua divulgação.

Entre as tantas atividades realizadas em sala, posso citar o trabalho sobre a “semana da pátria”. Nesta ocasião cantamos os hinos (da independência e o hino brasileiro); debatemos em grupo sobre a democracia, cidadania e liberdade. Construimos cartazes sobre os referidos temas.

A cada aula eu saía mais alegre e satisfeita, pois cada dia eu aprendia mais sobre “dar aulas as crianças”. Eu percebi que o tão falado ato de “construir conhecimento” não é fácil. É uma tarefa árdua, mas muito gratificante.

Outras tarefas realizadas no Estágio foram produções de texto, cada aluno escrevia sobre o que tinha acontecido durante a aula naquele dia. Construimos mapas, trabalhos com jogos, cantamos músicas, em fim, foram dias prazerosos.

Tive oportunidade de perceber como a História é veiculada na sala de aula. Percebi que os alunos possuem dificuldade de se perceber como sujeitos da História. Tentei convence-los de que a História é uma disciplina encantadora, importante e rica em aprendizados. Expliquei para eles que mesmo sem realizar grandes feitos ou atos heróicos nós estamos a todo momento fazendo História.

Foram dias inesquecíveis que marcaram minha trajetória de vida e minha formação profissional. Levo comigo a certeza de que ensinar exige reflexão e reconhecimentos de que estamos sempre inacabados.

Considerações Finais

O Estágio Curricular para mim configurou-se como um aprendizado único, tanto referente aos conteúdos curriculares ministrados quanto a minha formação docente. Cresci muito como pessoa e como profissional, agora entendo o significado do termo “identidade docente” enfatizado por Tardiff (2005).

O profissional docente carrega consigo as marcas da pessoa que ele é. É por isso que o meu jeito de ser influencia tanto na minha atuação em sala de aula como docente. É bem verdade o que disse Antônio Nóvoa (2000). “O professor é uma pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor”.

A realização deste trabalho possibilitou um aprendizado sobre a grande importância da disciplina História na formação dos alunos. Por ser ela um componente curricular destinados a estudar os fatos históricos das sociedades, ela traz consigo uma grande riqueza de heranças culturais.

A História veiculada em sala de aula influencia os alunos para o resto de suas vidas. O modo como eles concebem a História determina sua percepção como sujeitos da sua própria História. É por isso que seu ensino não pode se dar no vazio. O estudo da História contribui para o aperfeiçoamento do sentimento de cidadania nos alunos.

Os resultados da pesquisa indicam que a História veiculada em sala de aula faz com que esses alunos do 5º ano da Escola de Bandarra vejam a referida disciplina como matéria decorativa, responsável por estudar somente as datas comemorativas. Além disso esses alunos não se vêem como sujeitos históricos. A prática das aulas de História não possibilita aos alunos espaço para reflexões e questionamentos sobre o sentido desta disciplina. Segundo a opinião dos alunos questionados, esta disciplina estuda os heróis do passado e pessoas atuais não são capazes de fazer História.

Esta pesquisa permitiu também identificar algumas barreiras que impedem a compreensão da História de forma crítica. Dentre esses obstáculos destaca-se o uso do questionário como metodologia empregada para fazerem os alunos estudarem para a avaliação de História. Com

essa prática os alunos são impedidos de estabelecer um pensamento que os levem a construir saberes significativos sobre os fatos da História.

É preciso ainda ressaltar que os dados aqui apresentados não possui caráter conclusivo. Isso pode ser revertido, os alunos podem ser convencidos de que são sujeitos da História, de que ela é uma disciplina científica, importante e com uma beleza inigualável.

Os dados aqui apresentados serão úteis para fins estatísticas e de estudos para aqueles que se interessam pela História. Além de ter fornecido elementos importante para a minha formação docente.

No tocante ao Estágio Curricular considero muito produtivo e de grande valia para o enriquecimento da minha profissão docente. Resta colher os frutos deste trabalho e procurar continuar aprendendo com as lições fornecidas pelo mesmo.

Referências Bibliográficas

ALVES, Ronaldo Cardoso. **Aprender ou apreender História: o pensamento histórico em alunos do ensino fundamental.** In: ARIAS NETO, José Miguel. Dez anos de pesquisa em ensino de História. Londrina, Atrito Art, 2005.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas. **Prática de Ensino e Estágio Supervisando na Formação de professores.** São Paulo: Avercamp, 2006.

BAVER, Martanw, GASKELL (ed). **Pesquisa Qualitativa com texto imagem e som: um manual prático.** Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

BITTENCOURT, Circe. **Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História.** In: BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: contexto, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia.** Brasília: Secretaria da Educação Fundamental, 2001.

CABRINI, Conceição. **O ensino de História: revisão urgente.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

FÁVERO SOBRINHO, Antônio. **O aluno não é mais aquele! E agora professor?** In: ARIAS NETO, José Miguel. Dez anos de pesquisa em ensino de História. Londrina: Atrito Art, 2005.

FERRO, Marc. **A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação.** Trad. Wladimir Araújo, São Paulo: IBRASA, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIMA, Idelsuite de Sousa. **O que é ensinar História nas séries iniciais.** In: Anais do IV Encontro Estaduais de Professores de História. João Pessoa: Sal da Terra, 2000.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa educacional: O prazer de conhecer.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

MICELI, Paulo. **Por outras Histórias do Brasil.** IN: PINSKY, Jaime. **O ensino de História e a criação do fato.** São Paulo: Contexto, 1997.

NADAI, Elza. **Repensando a noção de Tempo Histórico no ensino.** In: PINSKY, Jaime (org). **O ensino de História e a criação do fato.** 7ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

PINSKY, Jaime. **O ensino de História e a criação do fato.** São Paulo: Contexto, 1997.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo. Atlas, 1985.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula.** IN: BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1998.

SEFFNER, Fernando. **Leitura e escrita na História.** In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora e GAINELLI, Marlene Rosa (org). **III encontro: Perspectiva do Ensino de História.** Curitiba: Aos quatro ventos, 1999.

ANEXO

Projeto de ação docente: Propostas que foram realizadas no Estágio Curricular

O objetivo do presente texto é apresentar o projeto de ação que foi desenvolvido por ocasião do Estágio em docência, caracterizando as atividades que foram realizadas durante essa etapa da atividade acadêmica.

Esse é um momento muito importante, considerado como a parte prática do Curso de Pedagogia, na qual teremos oportunidade de contribuir com a escola, campo de estágio. Segundo Pimenta (2004: 69), o estágio Curricular é:

Um espaço para onde convergem as perspectivas, as esperanças e os problemas dos professores orientadores de estágio, dos gestores, dos alunos em formação que convivem no mesmo momento histórico da educação no país. Expressa o vigor teórico e prático de pesquisadores e docentes da prática de ensino.

O estágio se configura como um espaço propício para que cada estagiário possa praticar seus projetos e propostas de ensino. Será um momento de reflexão e ação no sentido de fazer o melhor para a aprendizagem dos alunos.

O estágio foi realizado na E.E.E.I.F. de Bandarra, localizada no Distrito de Bandarra, município de São João do Rio do Peixe – PB. No decorrer do estágio foram ministradas aulas das disciplinas que compõem o Currículo do 5º ano do Ensino Fundamental. Tais aulas foram ministradas numa perspectiva interdisciplinar, tomando como fio condutor o ensino de História. Assim, a partir da História, os demais conteúdos foram abordados de modo construtivo, dinâmico e significativo para os alunos.

Participei das reuniões de planejamento junto à professora titular da turma com vistas a preparar as aulas. Tive total apoio da minha professora orientadora que me ajudava no momento de planejar as atividades para serem desenvolvidas na turma.

Na pesquisa realizada sobre a História veiculada na sala de aula, os resultados indicaram que os alunos ainda concebem a História como algo feito pelos outros e como verdade absoluta. Tomando por base tais resultados o presente projeto tem a intenção de realizar o ensino de

modo a contribuir minimamente para a construção de novos sentidos para a História que se vê em alguns livros didáticos.

Para realizar tal propósito estabeleci como objetivos:

- * Utilizar textos históricos como premissa para conduzir as aulas;
- * Proporcionar experiências de leitura e interpretação de textos;
- * Utilizar diversos tipos de linguagem para trabalhar textos;
- * Reconhecer nos textos as variações gramaticais;
- * Propor situações problemas envolvendo as quatro operações com números naturais;
- * Estudar o corpo humano e seu sistema nervoso;
- * Reconhecer como acontece a Reprodução humana;
- * Identificar o processo de Regionalização do Brasil;
- * Discutir os fatos históricos;
- * Propor uma reflexão sobre a historicidade brasileira;

Em busca da realização destes objetivos estabeleci as seguintes metas:

- * Construir um ambiente favorável para a realização das leituras (“cantinho da leitura”);
- * Elaborar jogos para o trabalho com números e palavras;
- * Organizar roteiros de debates com a turma sobre problemas sociais, ambientais e regionais;
- * Fazer quebra-cabeça dos mapas;
- * Ler, escrever e cantar algumas músicas significativas para o aprendizado dos alunos;
- * Produzir textos a partir dos conteúdos ministrados;
- * Realizar dinâmicas de grupo;